

VILÉM FLUSSER

Dedústria da indústria.

(Variações sôbre um tema de Mário Chamie).

"Indústria", a recente obra de Mário Chamie, que se diz "textor", servirá de pré\_textor para as considerações seguintes. Em outras palavras: procurei ser leitor prático, ou, como diz o autor na sua terminologia pesada, procurarei lê\_lo segundo uma consciência praxis.

A primeira dificuldade está justamente na terminologia da teoria de praxis. A indústria de Mário Chamie é muito pesada. Por razões que não são óbvias o autor procura dificultar a sua comunicação com o leitor, afim de restringir o círculo dos que com ele comungam. Elege seus leitores. Escreve para uma elite de eleitos. Leitores eleitos para serem eleitores. E a eleição é feita pelo seguinte método: pertencerá à elite quem conseguir ultrapassar os obstáculos formidáveis da terminologia. Terminologia como filtro, como purificação, como catarsis da iniciação ao círculo dos eleitos para serem leitores. Um dos propósitos deste artigo será o de rasgar o filtro, e tornar óbvias as razões da "instauração" do filtro.

A segunda dificuldade ~~dificuldade~~ está na discrepância, ("dialéctica"), entre o método e o propósito declarado da obra. O método visa comungar com uma elite. O propósito declarado é informar "o povo". Em outras palavras: a interdependência dens/povo articula\_se, na obra de Mário Chamie, como discrepância método/meta. O método se dá no tempo de fora, a meta visa o tempo de cêra. O perigo é a seguinte síntese dialéctica: fora de cêra. O outro propósito deste artigo é o de evitar que a obra de Mário Chamie seja instaurada no panóptico de um museu de cêra. Porque Mário Chamie merece ser considerado onça verdadeira, o não tigre de papel, (perdão, de parafina).

Qual é o método do autor, despido do filtro da terminologia? É este: O nosso pensamento corre em dois níveis, o das palavras e o das sentenças. Palavras têm significado, sentenças têm sentido. O significado das palavras, (aquilo que elas representam no jôgo do pensamento), é, grosso modo, o conjunto das coisas pensáveis e das relações pensáveis entre elas. O sentido das sentenças é o conjunto das situações nas quais as coisas pensáveis e suas relações pensáveis se situam. Esse conjunto pode ser chamado, grosso modo, o "universo pensável". Esta duplicidade de níveis de pensamento, (o do significado e o do sentido), permite uma dupla manipulação do universo pensável. Se manipulo palavras, (o "repertório" de pensamento), crio ou aniquilo coisas no universo pensável. Se manipulo sentenças, (a "estrutura" do pensamento), crio ou aniquilo situações no universo pensável. Esta é, com efeito, a função do poeta prático e praticante: modificar o universo pensável manipulando palavras sentenças. Lavrar palavras e tentar sentenças.

Mas os dois níveis mencionados são apenas esquemas aproximados. A realidade do pensamento é mais complexa. Há níveis, inferiores à palavra, nos quais vegetam detritos de palavras e nos quais se formam embriões de palavras. Há níveis, superiores à sentença, nos quais contextos de sentenças se coagulam em chavões e nos quais se formam super\_sentenças. E há níveis, entre palavra

**VILÉM FLUSSER**  
e sentença, nos quais detritos de sentenças decaem em conversa fiada e nos quais se formam sentenças nucleares. Essas meio\_palavras, meio\_sentenças Chamie chama "ditos". (Nota: "Chamie chama" é um dito criado ad hoc e industrialmente). E os ditos, (apelidados no filtro catártico do autor por "diagramas"), formam a matéria prima da praxis industrial do autor ora considerada.

Com um ouvido extremamente atento e apurado Chamie recolhe os ditos idioticos, (ou devo dizer "idiomáticos"?), que caracterizam os níveis entre palavra e sentença no pensamento altamente padronizado e estereotipado da cidade de São Paulo. Ao recolhê\_los e expô\_los numa espécie de "pop\_art", o autor consegue mostrar o quanto são estúpidos e feios. Ele próprio menciona o dito "ossos do ofício" no posfácio do livro. Mas o dito "supermercado" na página 84 é ainda mais marcante. Uma análise atenta desse dito revelará toda uma série de aspectos do pensamento da massa industrializada. Por exemplo: revelará, no prefixo "super", a confusão desesperada entre quantidade e qualidade, a megalomania estúpida da atualidade, e a decadência do pensamento nietzscheano. O dito não tem sentido, (já que deixou de ser sentença), e não tem significado, (já que não é palavra mas "super" palavra), mas tem espectros de sentido e significado. Faz parte da conversa mole que caracteriza os níveis escolhidos por Mário Chamie como matéria prima. É justamente esta moleza do sentido e significado dos ditos que os torna maleáveis.

Vejam, como exemplo, o resultado da praxis industrial com a matéria prima "supermercado" na página 84: O supermercado preço, o supermercado negro, o negro mercado: branco, o preço mercado: banco, o selo do mercado preço, o elo paralelo negro etc. Que está acontecendo neste jogo lúdico com ditos? Os ditos são arrancados, com violência, do seu contexto na conversa fiada, e põem-se a girar em torno dos seus eixos. Nesta rotação revelam faces insuspeitadas. Adquirem, como que por encanto, múltiplos significados. São transformados, de ditos, em palavras novas. Ou, para recorremos a uma terminologia um tanto hermética, (embora menos hermética que a terminologia anti-prática da praxis), são transformadas de redundâncias em informações novas. E este é, em resumo, o método do autor no curso do livro: tomar elementos redundantes, cansados, estúpidos e feios, (os "ditos"), e transformá\_los em elementos informativos, esplêndidos, inteligentes e belos. A leitura desses "textores" é pois uma experiência cheia de surpresas. E a surpresa é a medida existencial da informação recebida.

O método é potente. Rasga o próprio tecido do pensamento ao manipulá\_lo. É um constante abrir de fendas no edifício do pensamento, porque elimina constantemente elementos redundantes. E simultaneamente acrescenta ao pensamento novos elementos, compostos dos detritos eliminados. Trata-se pois de uma re\_estruturação do universo pensável por eliminação do gasto e introdução do novo. Trata-se de uma autêntica poesia.

Creio que rasguei o filtro. Surge a pergunta pela razão do filtro. Em out

VILÉM FLUSSER

ras palavras: Por que mascara Chamie a sua obra com sua terminologia? A resposta, a meu ver, é esta: Porque não quer admitir que toda obra poética é, necessariamente, uma articulação de difícil acesso. Não é um bom veículo para a comunicação com as "massas". Os ditos com sua moleza são veículos muito melhores, e uma análise mesmo superficial da literatura popular pode comprová-lo. Com efeito, a literatura popular consiste praticamente de ditos. O engajamento de Mario Chamie é anti-popular neste sentido: rompe os ditos que são o veículo comunicativo das "massas". E, para não admitir este fato brutal, cria o autor a cortina de fumaça da sua terminologia.

O efeito é curioso: Torna uma poesia, necessariamente de difícil acesso, desnecessariamente ainda mais difícil. Justamente por procurar demonstrar que o método poético é analisável criticamente, (e portanto acessível a todos), fecha a obra aos muitos. Há, pois, nesta atitude, a meu ver dois erros: um é o de querer fazer uma poesia que informa muitos, (coisa impossível). O outro é o de querer admitir muitos para uma poesia que se destina a poucos. E o efeito destes dois erros é o isolamento da poesia para uns muito poucos eleitos.

Não duvido que os motivos de Chamie são nobres. Sente, dentro de si, a competência para uma poesia verdadeira, e realiza essa virtualidade com grande mestria. E simultaneamente sente que, ao fazê-lo, se desengaja do "povo". Há pois nele um conflito entre a consciência criadora e a social, entre a "praxis" linguística, e a "praxis" no sentido politico-social do termo. E este conflito não é admitido. Mas, a meu ver, o conflito é falso. Porque os níveis da realidade não são estanques. Se é verdade que a poesia informa diretamente apenas poucos, (as "elites"), não é menos verdade que indiretamente a poesia funciona em todo território de pensamento. As poesias de Chamie terão seu efeito, paulatinamente, sobre todo o pensamento brasileiro. Não porque são lidas por todos, mas justamente por serem lidas pelos que são competentes. Não há pois, a dicotomia dono/povo neste sentido. E quanto mais cedo Chamie admitir este fato, (o de ser ele competente para os poucos, e portanto eficiente para os muitos), tanto mais cedo deshermetizará suas teorias e tornará acessível a sua obra a um maior número de poucos.